

Uma estrella caida



Maintenant, — à déconseiller
Des célébrités d'ici-las !
La fève qui renait volonté
N'a plus id chameau, ni tau.

Já foi bella, já foi nova, teve espírito e teve amantes. Hoje é um farrapo que causa mais nojo que dó! Não será esta a imagem do carnaval de 1879 no Rio de Janeiro? Creio que sim. Uma bocca que ri, sem dentes, sem graça, estupidamente. — Uma estrella caida!

Aviso importante

A redacção do *Besouro*, componerada de que este numero não tem espirito, pede encarecidamente aos seus leitores attendam ao facto de ter sido escrito pelo carnaval, época em que, por via de regra, ha falta absoluta daquelle genero.

Expediente

Recebemos exemplares das seguintes publicações:
Rudimentos musicais, por José Leandro Martins Filgueiras, que tem por fim unico, segundo nos diz o autor, facultar aos principiantes o meio de conhecerem teoricamente as lições que na pratica dão a seus mestres.

Coração e gênio, drama em 3 actos, por M. H. Pires Ferrião, acompanhado de duas cartas de Luiz Guimarães Junior e conselheiro Affonso Celso.

No me pique usted, polka para piano, composta por N. J. Martins Junior e oferecida ao nosso collega do *Jornal A. Camarate*.

Niciche, polka brillante por F. L. da Silveira.

Niciche, quadrilha por Eugenio Cunha.

Niciche, walse de salon por F. L. da Silveira.

Agradecemos.

Recebemos mais:
Uma marrada de K. Brito.
Varias inundações de patchouly, de vinho Bordeaux, de cerveja, etc.

Um pé ($42\frac{1}{2}$) sobre a nossa melhor unha encravada.
Agr... — Arre!

Cremação

s tres dias de carnaval são, para o povo fluminense, o quarto de hora de Rabelais. Este bom, este pacífico povo, que sofre, com a proverbial mansidão do boi, toda a sorte de cangas a que as tricas da polítona governativa o ajojia, aproveita a licença destes tres dias para manifestar livre e espontaneamente o apreço ou desprezo em que tem os pais da pátria.

As comissões dos quartéis das ruas principais, como órgãos da opinião dos seus vizinhos, expõem à prova pública quadros, onde são apreciados, sob a forma de *ridendo castigant mores*, os actos e os homens políticos do país.

O povo, que sae em multidão a percorrer as ruas e a contemplar esses quadros, manifesta livremente o conceito em que tem os criticados, aplaudindo ou reprovando as caricaturas.

Si o Sr. D. Pedro II fosse realmente um philosopho, como o proclamam os seus coríphens e elle proprio procurou inculcar-se ás nações cultas do velho e do novo mundo, e quisesse abdicar do apparato com que atropellou a população desta cidade, para, envergando o manto *paletó saco do touristé* D. Pedro d'Alcantara, passear democraticamente por entre o seu povo,

com certeza bem proveitosa lição poderia colher nestes tres dias de carnaval.

E o povo tem razão.

É justo, é muitíssimo justo que aquelles que se julgam com direito ao aplauso público, como recompensa aos seus bons serviços, e accusam de ingrato o povo que lh' o nega, sofram também os testemunhos de desagrado quando por inopia ou malícia procedem em sentido inverso.

Melhor avisados andariam elles, si, em vez de se revoltarem contra a critica que os castiga, aprendessem della a conveniencia de corrigirem-se dos seus defeitos.

Os nossos homens politicos, porém, os homens das manifestações encomiasticas encomendadas, não soffrem as manifestações sinceras e espontâneas.

E por saber que elles não gostam destas, foi que uma malta dos engendradores daquellas no domingo de carnaval escangalhar o quadro em que o quartelão, conhecido pelo *quartelão republicano* da rua dos Ourives, expunha à gargalhada publica alguns paes da patria.

O quadro era, nem mais nem menos, um grande forno de cremação, dentro e fôra do qual se erguiam as estatutas de alguns dos nossos homens politicos.

Aquillo poderia ser uma cremação moral ou deixar de o ser.

O povo, que o contemplasse, apreciá-loia desapaixonadamente, e si a critica lhe parecesse injusta teria plena liberdade de externar a sua reprovação com proveito moral para os criticados.

Não quizeram, porém, assim.

Os amigos dos taes tipos politicos lançaram por terra as estatutas, arrastaram-as na lama como se faz aos judas dos sabbados d'alleluia, e acabaram por queimá-las!

Foram, pois, realmente cremados os taes tipos: cremados em estatua e pelos seus próprios amigos!

É caso para dizer-se:

Pior a emenda que o soneto.

Fox

A's sociedades carnavalescas

Nós vos estimamos, nós vos queremos bem, ó pandigas! Só vós nos comprehendeis, só vós avaliais esta lucta hebdomadaria que se fere entre o nosso espirito e o gosto do leitor.

Só vós nos comprehendeis, porque gastais trescentos e sessenta e tantos dias, quando apenas dispomos de sete—para ter espirito.

Só vós nos avaliais, porque, no fim desses trescentos e sessenta e tantos dias, nada conseguis, e nós, ao cabo de uma semana, sempre conseguimos alguma coisa.

Nós vos estimamos, nós vos queremos bem, ó pandigas!

O Besouro.

Obito illustre



referindo-se a esta expressão — vulgar, mas portuguesa de lei —, que empregamos para noticiar o falecimento de um grande homem. K. Brito teme que o seu obito seja registrado no *Besouro*, seguido do adjetivo alegre.

Marraste em falso, animal!

Tu, — não o tentes negar, o mal cheiroso quadrupede! — tens, atada á pata, uma corda que te não deixa sair do campo da sensaboria e da pulhice.

Contenta-te, pois, com a erva que te dão e que não pensamos em negar-te, e deixaste de historias.

Sí isso, porém, não te satisfaz, confessam-se desde já que te reconhecemos pleno direito de — marrar até partir os chifres e berregar... até à consumação dos séculos.

O *Besouro*.

C. de L.

Um individuo, tendo concluído a leitura de um dos folhetins — *Microcosmo*, perguntou, vendo a assinatura:

— Que assinatura é esta? C. de L.?

— Não é assinatura, respondeu alguém. C. de L. significa: *Censore de ler*.

— Nesse caso, coitado do leitor!

J.

Pequenas notícias



onsta-nos que as sessões vão diminuir de frequencia por parte dos deputados.

E caso pensado.

Sua alteza, uma delas, tirou o premio no 4º anno do collegio de Pedro II; estimariamos mais que sua pequena alteza tirasse a sorte grande.

Alguns deputados vão intentar processo contra nós. Ainda bem que SS. Ex.ª têm-nos muito amor.

Consta-nos que o Monte de Socorro nos dias 15 do mes não tem milhas a medir nas restituições; não comprehendemos... por isso que aquella casa fica alli tanto a geito...

O *Jornal do Commercio* continua muito ajui-zado.

O Sr. Souza Carvalho acha que á sua caratura falta um certo colorido. Desculpe-nos S. Ex.; mas para outra vez dar-lhe-emos as tintas.

KIT.

Na rua

Um mascara muito desenxibido no Ignotus:
— Você me conhece?
— Conheço, sim. E's o C. de L. dos folhetins do *Jornal*.

P.

Parte comercial

odos os bancos adoptaram a taxa de 20% e a artinha do padre Pereira;

Excepto o banco do Brasil, contra a opinião do seu secretario, que mais uma vez vê que perde o seu latim.

O mercado esteve muito firme, graças a Deus, posto que se effectuarem transacções regulares, na opinião do *Jornal*, e irregulares na opinião de muita gente de gravata lavada (inclusive o Sr. Kamargo).

As vendas de café lavado foram lisongeiras, o que não parecia muito lisongeiro em certos rostos, aliás lavados.

Venderam-se todos os Soberanos da Europa... Que praga?

IMPORTAÇÃO

Agua-ras. — Poucas entradas.

Alfafa. — Cerca de 8,000 fardos em diversas mãos; o commercio deste genero tem sido appetitoso.

Canhamazo. — Foram insignificantes as entradas.

Alcazarinas. — Nem uma chegada; escassa sia a importação.

Um deputado retardado. — Mudo como o Sr. Villa-Bella, preço favorável.

Toc, reporter do commercio.

« Papagaio » e o « Jornal »

Tem causado certo reparo o silencio do *Jornal*, depois do alijamento do Sr. Gaspar.

Dizem uns que o *Jornal do Commercio* coube para não censurar os actos do actual ministerio.

Outros, porém, afirmam, com certos visos de verdade, que não foi o *Jornal*, mas o *Papagaio* que se deixou arrolhar.

Papagaio come milho, periquito leva a fama.

P.

A Mercedes

No momento da partida
Por milagre eu não morri.
Si tu eras minha vida,
Como, pois, viver sem ti?...

Hoje, á lei de dupla ausencia,
Sem cessar lembrando estou,
Não só tu, flor de innocencia,
Mas minh'alma que ficou.

AFF.

O entrudo

Antes do entrudo



— Que supplicio!... — Ha um mez que sou obrigado a jogar bilhar, para obter uma janelia para minha mulher vir o carnaval. Não ha nadia parecid... Já me doe o braço, eu que não gosto de jogar!



— Venha jantar comigo ao Provençaux, pelo amor de Deus! Venha, por caridade! Sou obrigado a jantar lá para ter direito a um bocado de janelia... para minha mulher vir o carnaval. Eu que soffro de dyspepsia!



Depois do entrudo



— Tantos sacrifícios, tantos vestidos novos, e o estomago estragado para não ver nada, e trazer a mulher para casa n'uma soga... n'uma soga!



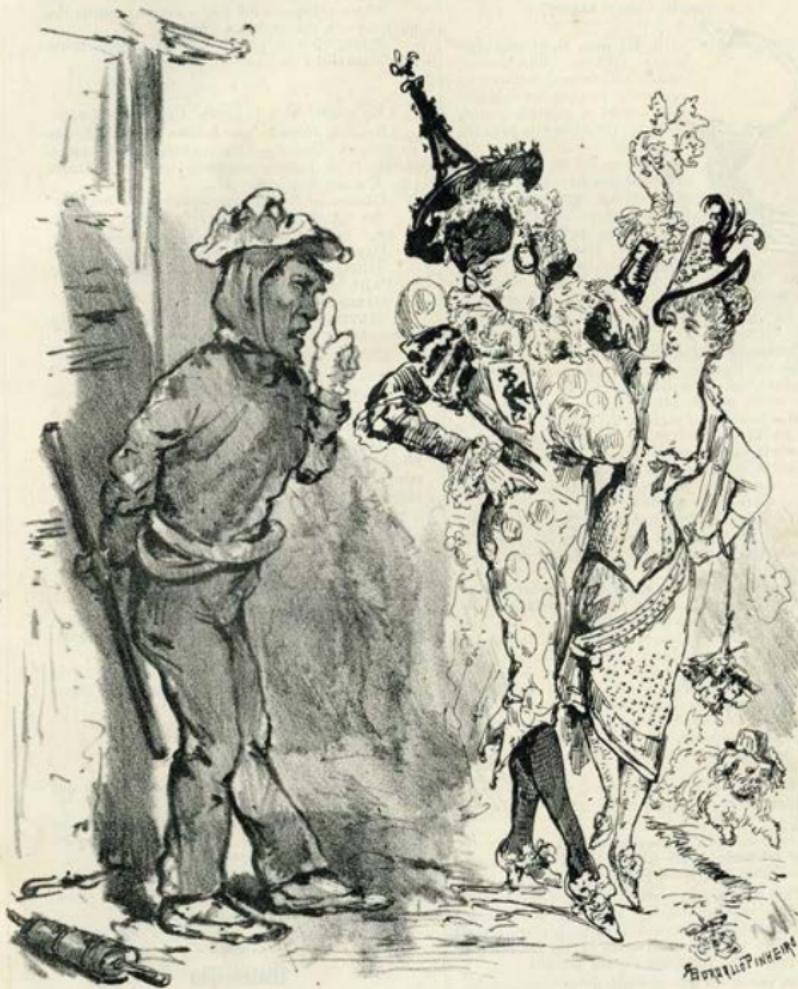
Foram-se as idéas! Nem já ha carros para elas! Acabou-se o *Carro da idéia* e seu inventor que nos dizia, cheio de satisfação: — Eu sou o autor, o feliz autor dos carros das idéias... dos outros.



— Ah! se eu adivinhasse, quem eu tinha levado era minha sogra — só para a ver em uma soga.

ABREU & PINHEIRO

Quando o carnaval tinha espirito, sempre o entrudo lhe dia:



Carnavá, Carnavá, vâ-tembora. Carnavá, Carnavá, vas para tua casa; não te mette comigo, Carnavá, que te não sei responder, Carnavá. E tanto coceteou o Carnaval, que elle por fim fôi-se embora e para shi deixou o dieto de espirito — uma cacetada. E depois um bom dicto nem todos entendem e uma cacetada todos percebem. Viva, pols, o cacoete, unico lei irrefutavel e vigente. Faça-se politica do cacoete; a expressão da amizade seja o cacoete e até as artes se imponham à cacetada. Viva o sr. dom João VI, de saudosa memória.

Ir buscar lá...

(PROVERBIO CARNAVALESCO)



Sylvia R., uma das mais formosas senhoras fluminenses, casada de fresco, muitíssimo ciumenta, recebeu no sábado pela manhã a seguinte carta, escrita evidentemente por mão de mulher:

* Quem lhe escreve é uma companheira de colégio. Há muito tempo que seu marido me mandou um recado a modista, encorrendo-lhe um domínio de setim preto, sem enfeites, para o dia seguinte.

No domingo o marido de Sylvia saiu pela volta de 1 hora, pretextando um negócio urgente, de summa importância, que o reteria fora de casa até à meta-noite, pelo menos.

— Agora já não tem que davaír, pensou Sylvia: Carlos vai no baile.

E desatou a rir, doidamente, ingenuamente, pensando na cara que faria o marido, quando soubesse que tinha seduzido simplesmente... sua mulher.

A dez horas Sylvia fez a sua entrada nos salões do teatro, seguida de uma chusma de adoradores, que os seus encantos, bem que encobertos por um vulgar domínio preto, foram levantando pelo caminho.

No fim do corredor da 2.ª ordem, à esquerda, estava efectivamente um domínio azul com um laço encarnado no homem direito.

Sylvia, fingindo-se perseguida menos cortezmente pelos rapazes, dirigiu-se ao silencioso domínio azul, pedindo-lhe que a acompanhasse até a saída.

O domínio ofereceu-lhe gentilmente o braço e propôz-lhe uma volta pelo teatro: Sylvia aceitou.

De concessão em concessão, a mulher de Carlos foi parar a um galinete particular de um dos melhores hoteis da corte.

Para Sylvia não restava a menor dúvida que o domínio azul era Carlos; o andar, a estatura, a voz, ainda que disfarçada, certo pígaro cronico muito parecido com o do autor *Da França ao Japão*, tudo, tudo era de seu marido.

Ao envez do que sucede geralmente, os domínios, de comum acordo, para serem finalmente espírituosos até o fim, resolvaram... cejar no escuro!

A ceia durou quatro horas.

Eram duas da manhã quando Sylvia, de posse do laço encarnado do domínio azul, voltou

para casa e deitou-se: Carlos ainda não tinha chegado.

Só ao alvorecer foi que o marido entrou-lhe no quarto a cantarolar a *Niñiche*.

Sylvia virou-se para o lado da parede, rindo muito baixinho da sua boa pilheria.

*

Na quarta-feira de Cinza. Depois do almoço:

Sylvia, atirando uma bolinha de miolo de pão ao rosto de Carlos. — Ora agora, Carlos, que o carnaval já passou, confessá que te deixaste lograr como uma creançã...

Carlos. — E tu? lograr como uma creançã?

Sylvia. — Sim... faze-te de novas. (*Tirando do bolso um laço encarnado.*) Vê si conheces isto.

Carlos. — É um laço encarnado... e que mais?

Sylvia, inquieta. — Então tu não foste ao baile do Pedro II... no domingo?

Carlos. — Estás doida!

Sylvia, mais inquieta. — Não estavas de domínio azul... com este laço no homem direito?

Carlos. — Eu? Ahi vens tu com os teus ciúmes...

Sylvia, ainda mais inquieta. — Não acompanhaste um domínio preto? não lhe pagaste a ceia? não...?

Carlos, com muita pachorra. — Qual o que, filha! Esteve todo o dia e toda a noite de domingo com o ministro a discutir a minha pretenção... Ora ahi está.

Sylvia, desmaiando. — Ah!

Cae Sylvia... e o panno.

D. B.

Cosiñeiro revolucionario

O Sr. Carlos Bernardino de Moura ao mesmo tempo que escreve a *Revolução* faz muito modestamente a sua cosinha.

Ou, por outra, o illustre tribuno faz uma revolução na cosinha e põe a cosinha na *Revolução*.

S.

Um massador

O França é o sujeito mais massador de que ha notícia.

Quando o Oliveira avista-o a cincuenta passos de distância, despede-se apprehensivo do sujeito com quem conversa, dizendo:

— Adeus, adeus... Vou-me embora, que o França está iminente.

E raspa-se — de guarda-sol aberto!

M.

Distracção

Passa uma mulher bonita:

— Alfredo, esta mulher faz crescer água na boca, heim?...

Alfredo (muito distraído). — E... faz crescer....

SAMUEL

Incendio

Vão dar aviso aos primeiros
Sineiros!
Bão, bão, bão, bão, bão, bão!
Depressa! que incendio lavra
—Palavra!—
Dentro do meu coração!...

A chamma dos olhos della
—Da bella
Pela qual suspiro em vão,
Intenso fogo atearam,
Deitaram
No meu pobre coração!

Ai! agora que um ministro
Sinistro
Estab'lece a cremação,
Antes do corpo cremado,
Coitado!
'Stá sendo meu coração!

Mas as labaredas crescem,
Recresem,
Cada vez mais vivas são!
Felizmente no « Seguro »
Seguro
Tenho, ha muito, o coração!

Que não cortava protesta
Com esta
Forçada liquidação
O pobre vate, coitado!
Privado,
Privado de coração!

Venham, senhores bombeiros,
Ligeiros!
Tragam bombas de tração!
— Ai, menina, os teus olhares
Pelos arcos
Pozeram-me o coração!

Eu não contava com isto!
Por Christo,
Que incendio, que combustão!
Circunscrevam-m'o depressa!
Não cessar
De me arder o coração!

Mas os bombeiros debalde
De balde,
Bomba, esguicho, *et cetera*, estão
Cada vez mais se propaga
—Que praga!
O fogo em meu coração!

Oh! tu, que a cunha tiveste,
Te veste.
Te veste e vem para cá;
Deves o coração que arde
Tratar de apagalo já!...

Voltae, bombeiros, no posto!

Eis extinto o fogo, posto
Pelos teus olhos bregeiros...
Que disse eu?
O que não fez o corpo de bombeiros,
Fez o teu...
1878

IGNOTUS.

Theatros

Estamos em plena actividade teatral.
A Phenix reatou o fio das representações
da *Niníche*, interrompidas pelo entredo: a engracada comédia sobe hoje à cena pela trigesima-primeira vez.

Os ensaios da *Cimargo* continuam activamente. Em breve apreciaremos esta opéra, que vai ser posta em cena com todo o luxo. O Heller não se poupa a despezas para que as suas peças sejam dignas do público; só assim conta sempre com um público que seja digno de suas peças.

**

Enquanto a Phenix ensaiá a *Cimargo*, o S. Pedro, que vai passar a ser só dos sabbados e domingos, pois que o Sr. Furtado Coelho acaba de contratar também o Gymnasio, o S. Pedro ensaiá as *Misérias sociais*, drama original do mesmo Sr., e destinado a grande voga, pois, segundo nos consta, mette em cena o convento da Ajuda.

**

No Casino falla-se em montar as *Torpezas socias*, drama do Sr. Lopes Cardoso, o inventor, para fazer frente às *Misérias* do Sr. Furtado.

**

No S. Luiz dá-se a ultima de mão à *Joia*, que subirá á cena qualquer dia. (Subiu hontem).

Para o papel de protagonista foi especialmente contractada a Sra. Helena Cavalier.

**

No Brazilian-Garden, o *Petit-Duc* é muito regularmente representado e cantado por Miles Lafourcade, Henry e Hams, e por MM. Leclerc e Rabelly; mas a *Filha do regimento*... pelo amor de Deus!

Mlle Belia, uma respeitável matrona, não tem forças para o papel de Maria. O tenor não vale douz caracões. O corista que faz o intendente é infame, simplesmente infame, e a savoyarde que faz a marquesa, uma tal Christianne, é um regimento!

O unico salvo do naufrágio é Mr Rabelly que no sargento tem, ao que parece, o seu melhor papel.

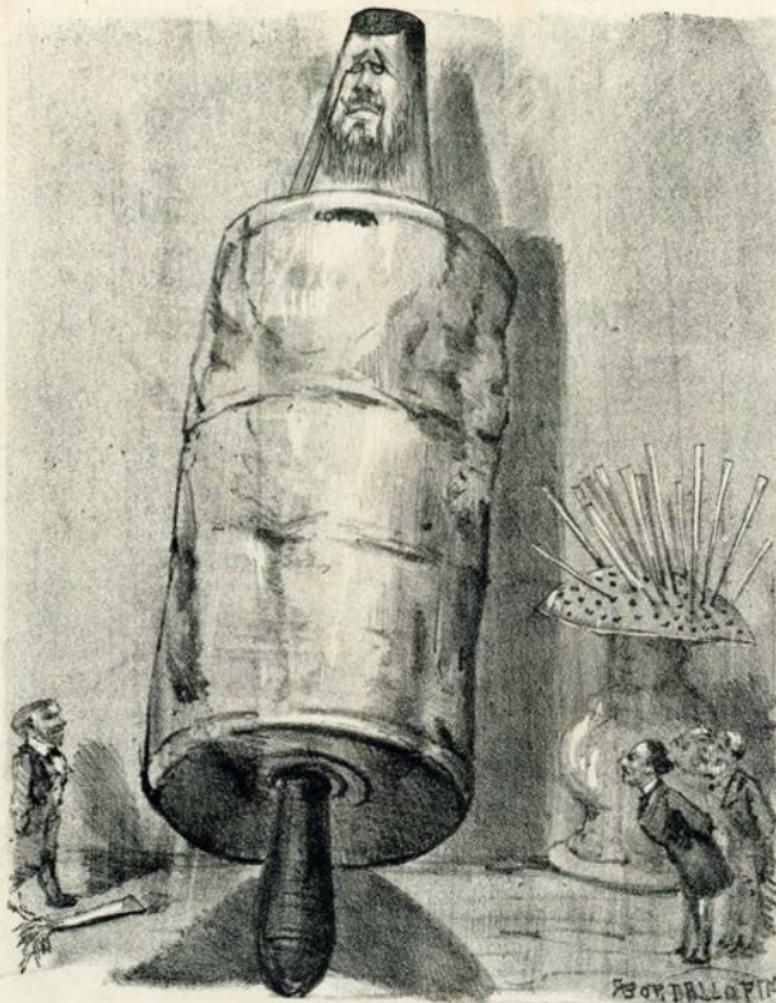
**

A Phenix, anunciando sabbado gordo a *Niníche*, declarou que era a ultima representação antes do carnaval.

Ahi está o que se chama—descobrir mel de pau.

CEBOLA.

ESBOÇOS PARLAMENTARES



S. EX. ARAGÃO BULCÃO SERINGÃO PALITÃO, AO! AO! AO!

Instrumento de irrigação parlamentar. Quando o entrudo está na Câmara, porque não ha de estar na rua? É um vulcão que, pela forma, se apaga a si mesmo. Está sempre a acender-se e a apagar-se. Que seringão, bulcão, palitão!